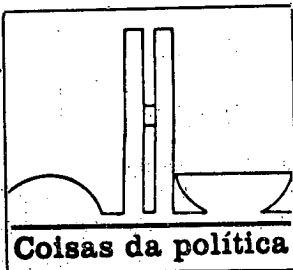


Um sonho sem realidade

Tancredo

O poema de Affonso Romano de Sant'Anna, o Hino Nacional cantado por Fafá de Belém, as entrevistas de Amaral Peixoto e de Cristiane Torloni, para não mencionar inúmeras outras manifestações de pesar e dor sobre o passamento do grande estadista, são o que há de melhor em todo esse martirológico de Tancredo de Almeida Neves.



Coisas da política

Mas a razão talvez ainda esteja no desabafo daquele homem simples, em São João del Rei:

— A morte de Tancredo é como se a gente tivesse acordado de um sonho sem realidade...

Entenda-se aquela aparente contradição: todo sonho, de fato, se baseia na realidade, é real no sentido de que não passa de uma fantasia. Ninguém sonha com outra realidade que não a do próprio sonho. Se há coincidências, estas ficam no campo da ciência, velha ou nova. Inaceitável, a morte de Tancredo, para aquele sanjoanense anônimo e simples, é um sonho sem conteúdo de realidade. É um sonho que não existe porque a sua razão de ser sequer ainda entra nas cogitações de qualquer cidadão comum, sobretudo nós daquele anônimo homem simples, que ouviu e viu pulsar alegremente o coração de sua cidade pelo filho que, há poucos dias, ascendera ao mais alto posto da República. Ele, simplesmente, não aceitou ainda a morte de seu conterrâneo e líder.

Nessa mesma linha de sonho, outro dia, Oldemário Touguinhó, uma das glórias do jornalismo esportivo é sem dúvida um dos grandes jornalistas deste País, logo após o fatídico dia 21 de abril, ainda abatido, também desabafou:

— Acabei de sonhar agora que Tancredo morreu. Será verdade mesmo?

A pergunta, solta no ar, feita por alguém que também se negara a aceitar a mais dura realidade de todos os sonhos, foi prontamente respondida. Claro, não havia dúvida, Tancredo morrera mesmo. Tratava-se de um sonho verdadeiro, com todo conteúdo de realidade. Diante disto, continuava o repórter:

— O que mais impressiona nessa morte dolorosa é que Tancredo, em apenas quatro ou cinco meses, mostrou o que podia fazer pelo Brasil, unindo-o e operando o renascimento da esperança entre os brasileiros. Se em quatro ou cinco meses fez o que fez, imaginem o que não faria nesses últimos 21 anos. E aí está o que mais dói: privaram o povo de Tancredo, impunemente, durante 21 anos.

Não há, porém, como fugir à verdade inelutável dos fatos: Tancredo de Almeida Neves, o novo herói brasileiro, que, no dia de Tiradentes, comemora a data do seu

martírio, está sepultado ali, à beira do Rio das Mortes, no cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, na Igreja do mesmo nome, em São João del Rei. Sob a salva de 21 tiros de canhão e sob o mais triste toque de silêncio que jamais se ouviu por aquelas bandas, acostumadas aos mais variados toques de corneta e aos sons de todos os sinos, seu corpo franzino, precisamente às 23,10 horas do dia 24 de abril de 1985, baixou à sepultura.

Esta é, pois, a primeira verdade: Tancredo está morto mesmo, embora vá viver para sempre na memória de um povo que não tem o costume de cultivá-la por muito tempo. É que esta é a sua única bandeira, a sua última bandeira. Se abrir mão dela, que será dele? Que será desse povo que foi às ruas pedir as diretas, mas com ele à frente aceitou as indiretas como meio de fazer renascer de vez as diretas? Esse povo, que hoje habita os campos e ruas deste imenso território, não é mais aquele. É outro. O sofrimento o amadureceu e o levou a fazer opções sérias em favor de seu futuro. Mais do que nunca, ele sabe o que é ser privado da liberdade, sob todas as suas formas. Ele sabe que estar impedido de eleger seu Presidente, preso a um cinturão de falso cuidado e falsa proteção, é suma indignidade. Ele reaprendeu com Tancredo que pátria sem democracia não é pátria e que nação sem direito de eleger seu Presidente não é digna deste nome.

O repórter falou a linguagem figurada, que precisa ser entendida. A privação de Tancredo, durante 21 anos, é a privação dos valores maiores de um povo. Tancredo encarnou, em sua própria carne, todos esses valores, a ponto de ter-se sacrificado por eles.

Iniciou-se agora um outro governo — eis a segunda verdade — mas um governo que terá de saber usar a herança de Tancredo. Embora herdeiro de um enorme patrimônio moral, o Presidente José Sarney terá muito mais dificuldades do que teria o mineiro de São João del Rei. Passados os momentos de pior dor, a cobrança surgirá de todos os lados: Será, contudo, do lado desse povo ainda órfão que ela se fará sentir mais agudamente. À beira da sepultura de Tancredo Neves, seu juramento — “O seu compromisso será o nosso compromisso; a sua promessa será nossa promessa; o seu sonho será o nosso sonho” — já foi aceito por todos. Resta, agora, passar à ação e mostrar ao País, detalhadamente, o seu programa de mudanças, nos campos político, social e econômico. Será através da execução deste programa (e esta é a sua grande oportunidade histórica) que o Maranhão poderá ter a glória de, tanto quanto Minas, também ter sido o berço de um político que soube fazer a sua hora. Sua decisão de manter o Ministério, sobretudo fundado nos argumentos a que aludiu, é indicio forte de que saberá fazer a sua hora.

ACÍLIO LARA RESENDE

Diretor Regional do JORNAL DO BRASIL em Minas